AVEIRO, 16 DE OUTUBRO DE 1981 — ANO XXVIII — N.º 1359

Litoral

SEMANÁRIO
PREÇO AVULSO — 15$00

Director, editor e proprietário — David Cristo
Chefe da Redacção: Júlio de Sousa Martins
— Redacção e Administração: Rua do Dr Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261)
Composto e Impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

Terceira variação sobre o tema

"MUSEU DA RIA"

EDUARDO CERQUEIRA

Já agora, cá vou continuando, como uma cegarrega monocórdica, com variações acromáticas sobre o mesmo tema.

Que as atabalhoadas linhas, reumatizadas e cheias de ferrugem, com que tenho vindo, em arremedos de paladino decidido e intrépido, a defender o aproveitamento mais adequado e digno para a futuramente desocupada «Lota» num amplo museu, polivalente, global, da Ria e da costa marítima onde ela se insere — de que Aveiro está precisada como nós de pão para a boca — provocou múltiplas reacções. Diversas, desencontradas e divergentes. Umas que aplaudem a ideia — que, como se disse, não é originariamente minha, mas que perfilho com todo o calor neste ensejo oportuníssimo, único e indeclinável. Outras que me consideram de revés, como um impertinente, um intrometido, um desmancha-prazeres.

Ora eu sei sobejamente que não sou propriamente um armador de pesca. Nem mesmo um amador. O que de modo nenhum me impede, nesta ocasião e neste assunto, de insistir, com inabalável contumácia, em lançar a rede — e com a malha mínima que me seja consentida — ou, simples e modestamente, o anzol, bem estrategicamente recurvo e aguçado. E que nestas terras aluvionares, com tão evidentes peculiaridades, e tão antigas tradições nos trabalhos de oleiro, não persista, cheio de esperança, em atirar o meu, o nosso barro, à parede.

Também sei que não sou velejador, e que, na circunstância, estarei como aquele satânico demolidor que figurava nas rés policromadas de alguns moliceiros e era identificado com uma legenda muito do gosto dos construtores marinhões: «Vai o diabo ao leme».

Mas se nem a essa modalidade, nem a qualquer outro género de desporto náutico me dedico — embora lhes encontre aliciantes encantos, mormente nos ondeados lençois espelhantes das águas da laguna que nos aqui envolve — nem por isso vou deixar de me agarrar, com quantas forças tenho, ao «governalho» — como dizia o aveirense quinhentista Fernão de Oliveira (e era o usual no tempo) quando se refere ao leme — e de impelir esta barca no bom rumo. Espero que ela não encalhe ou se perca,

Continua na 3.ª página

HISTÓRIAS *do* NOSSO TEMPO

MARCOS

Numa loja do ramo, três jogadores japoneses entraram para que um deles comprasse «slips», designação moderna das cuecas de «corte avançado», modelo igualmente importado e, como tal, muito apreciado. Tendo indicado o número, começou a escolher entre os modelos que foram postos em cima do balcão.

Ao que parece, o oriental comprador propunha-se adquirir alguns exemplares mas, reparando com mais cuidado, pôde verificar que, em três unidades com o mesmo número, as dimensões eram bastante diferentes, não de milimetros mas de alguns centimetros!!!

E mais. Notou igualmente que, nalguns «slips» de nú-

Continua na 3.ª página

AMADEU DE SOUSA

Em tempos que já lá vão, orgulhávamo-nos de ser a mais limpa cidade do País, e de inclusivamente ser exemplo para as demais, provocando a admiração de quantos nos visitavam.

Ruas e passeios apresentavam um aspecto impecável, onde o asseio resplandecia, mal o sol raiava. Respirava-se limpeza em todas as artérias, numa sensação constante de agradável e salutar bem-estar.

Hoje, os ventos mudaram

Continua na página 3

Litoral

Em 9 de Outubro de 1954 publicou-se o primeiro número deste periódico — o que vale dizer que na pretérita semana se completaram 27 anos sobre a data do seu aparecimento. Seria de assinalar o aniversário precisamente na semana transacta; aconteceu, porém, que, por imprevisíveis circunstâncias (entre elas a doença — já superada — do director), não pôde, então, ser dado à estampa o «Litoral». Aliás, tais colapsos são frequentes em publicações do género... Assim, é com o número de hoje que entramos no 28.º ano de existência. E escusado será repetir com longa prosa o que já reiteradamente afirmámos: esta modesta folha continuará independente, aberta a todas as opções ideológicas e, fundamentalmente, a focar os legítimos anseios da região aveirense em que se insere.

Um magno problema

AVEIRO *na*

LINO VINHAL

A edição de 2 de Outubro do «Litoral» publicava um interessante artigo de Manuel Bóia sobre a Regionalização em geral e a criação da Região das Beiras em particular. Porque é um texto sério e o tema é apaixonante, sinto-me motivado para abordar também esta temática. Faço-o na qualidade de Beirão que sou e sou com orgulho. De todo em todo me é todavia impossível dissociar-me da minha condição de jornalista com co-responsabilidades na direcção do «Diário de Coimbra» e de cidadão residente em Coimbra há muitos anos, os bastantes para me sentir gente sua sem deixar de ser gente da minha própria terra.

Por estranho que pareça — e exactamente por ter dado ao Movimento Regionalista das Beiras agora em curso o melhor do que fui capaz — o texto do Sr. Manuel Bóia caiu-me bem. E só me pode ter caído bem porque me disse alguma coisa, me transmitiu uma mensagem. Mensagem que, na sua globalidade, entendi como a

Continua na 6.ª página

AVEIRO

ORLANDO DE OLIVEIRA

Temo-nos ocupado do *Anfiteatro Geográfico* que constitui todo o distrito de que Aveiro é capital.

Percorridas fugidiamente todas as *Bancadas* desse *Anfiteatro*, resta-nos uma vista de olhos apressada sobre esta pene-planície onde se situa a «mesa de demonstrações pedagógicas» da

Continua na 6.ª página

Válida iniciativa dos BDA sobre

FOGOS NAS FLORESTAS

A Direcção da Federação dos Bombeiros do Distrito de Aveiro, na sua primeira reunião ordinária após o período de fogos florestais — realizada, em 1 do corente mês de Outubro, no quartel dos Bombeiros Voluntários de Albergaria-a-Velha —, apreciou em pormenor, e com elementos em seu poder, a actuação dos Corpos de Bombeiros filiados nesta Federação e decidiu emitir o seguinte

COMUNICADO

1.º — Considerar como altamente positiva a acção das Corporações do Distrito que foram chamadas a intervir no grande número de incêndios deflagrados nas suas zonas.

2.º — Pôr em destaque o espírito de Corpo das Corporações que foram chamadas a intervir em fogos fora das suas zonas, permitindo uma acção coordenada pela Federação do Distrito de Aveiro, que provou, mais uma vez, ser a única via para situações de calamidade local ou nacional.

3.º — Chamar a atenção das entidades responsáveis

Continua na 6.ª página

Litoral

Correspondendo a disposição legal obrigatória, dimanada do Ministério da Comunicação Social, informa a Administração deste semanário que a tiragem média do «Litoral» correspondente ao mês transacto foi de 12.500 exemplares.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

Acção Especial — Código da Estrada Art.° 68

2.ª S. — 3.° Juízo

1.ª Publicação

Pela 2.ª Secção do 3.° Juízo do Tribunal da comarca de Aveiro, correm seus termos uns autos de ACÇÃO ESPECIAL — Art.° 68.° — do CÓDIGO DA ESTRADA, registada sob o n.° 101/81, em que é Autor Henrique Teixeira Patinha e Réu JOSÉ LINO DOS ANJOS REIS, com a última residência conhecida na Rua do Cabeço, na freguesia de Quintãs — Aveiro e actualmente a residir em parte incerta, é por este meio citado, para no prazo de DEZ DIAS, contestar, querendo, a acção especial, sob pena de ser condenado no pedido, que começa a correr, depois de finda a dilação de TRINTA DIAS, contada da data da publicação do 2.° anúncio, cujo pedido consiste em que o réu seja condenado a pagar a indemnização de 193 462$00 e custas do processo.

Aveiro, 6/10/81.

O JUIZ DE DIREITO,
a) *Francisco António das Neves e Silva Pereira*

O ESCRIVÃO-ADJUNTO,
a) *Fernando António Ramos*

LITORAL - Aveiro, 16/10/81 — N.° 1359

PINTOR

RAMALHEIRA VAZ (n. 1958), tem à disposição dos eventuais clientes o fruto de 5 anos de trabalho ao longo dos quais privou com o meio artístico e intelectual do Porto.

Contactar telef. 22856, todos os dias, das 9 às 12 e das 15 às 18 horas.

ARMAZÉNS

— Vendem-se na Quinta do Simão — Variante, com 700 a 1000 m2, prontos a ser utilizados. Trata o próprio:

Rua da Palmeira, 12 — Telefone 27748 — Aveiro.

GRATIFICA-SE

Quem entregar cão, com pêlo branco, malhas castanhas claras. Perdido no dia 1/10/81 em Aveiro. Pensa-se que ele ande entre Aveiro e Vagos. Pagam-se todas as despesas.

Telefonar para 23821.

AVEIRO • LISBOA • AVEIRO

EXCURSÕES DIÁRIAS

EM AUTOPULLMAN DE LUXO «CONCORDE» COM AR CONDICIONADO

A PARTIR DE 1 DE NOVEMBRO — MAIS UMA PARTIDA

partidas A	partidas B		chegadas B	chegadas A
07.30	18.00	AVEIRO	13.15	22.00
07.40	18.10	ÍLHAVO	13.05	21.50
07.45	18.15	VAGOS	13.00	21.45
08.00	18.30	PORTOMAR - MIRA	12.45	21.00
08.30	19.00	FIGUEIRA DA FOZ	12.15	20.30
12.15	22.30	LISBOA	08.30	17.30
chegadas			partidas	

A — Diariamente, excepto Domingos. Aos Sábados, a partida de Lisboa será às 14.30 horas, com chegada a Aveiro pelas 19.15 horas.

B — Diariamente. Aos Sábados, a partida de Aveiro será antecipada para as 15.30 horas, com chegada a Lisboa pelas 20.00 horas.

PREÇO POR PESSOA: 350$00 — EM CADA SENTIDO

3831 ÍLHAVO Codex
Pr. da República, 5-7 — Apart. 18 — Telefs. 22433-25620 — Telex 22584
3800 AVEIRO
Av. Dr. Lourenço Peixinho, 223 — Tels. 26626-26579-26150 — Telex 22584
4502 ESPINHO Codex
Rua Doze, n.° 628 — Apart. 114 — Teles. 921941-921285 — Telex 24407
3750 ÁGUEDA
Rua Fernando Caldeira, 39 — Telefs. 62353-62612 — Telex 24472
3070 PORTOMAR - MIRA
Rua Combatentes da Grande Guerra — Telefs. 45127-45603
3840 VAGOS
Rua António C. Vidal, 318

Computadores

- PROGRAMAÇÃO
- OPERAÇÃO

INÍCIO EM NOVEMBRO DE 1981

Atribuição aos alunos aprovados de *certificado de reconhecimento oficial* e emprego em colaboração com empresas da região.

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

INSTITUTO PORTUGUÊS DE INFORMÁTICA - INFORMAX

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 346 — Aveiro — Telef. 29865

Organização e Contabilidade

Grupo de Contabilistas com prática de Organização propõe-se a:

— Proceder à elaboração de escritas (Grupos A e B);
— Estudos de viabilidade;
— Deslocações a empresas p/ organização dos serviços de contabilidade

Resposta a: R. Eng. Silvério Pereira da Silva, 3-3.°-Frente
3800 AVEIRO

Alfredo Estrela Esteves

Doenças de Crianças
Especialista

Consultas por Marcação às 2.as, 4.as e 6.as-feiras
a partir das 14.30 horas

Praça Joaquim Melo Freitas, n.° 5 - 1.° andar. Telef. 21694
AVEIRO

António F. Pereira de Macedo

Cirurgia Geral
Especialista

Consultas por Marcação às 2.as e 6.as-feiras
a partir das 14.30 horas

Praça Joaquim Melo Freitas, n.° 5 - 1.° andar. Telef. 21694
AVEIRO

Início das consultas a partir de 21 / Setemb. / 81

Dr. António Rodrigues Marques Vilar

MÉDICO ESPECIALISTA
PSIQUIATRIA

Consultas por marcação às terças e quintas-feiras das 17 às 20 horas.

Consultório — Telef. 27326
Residência — Telef. [illegible]
Rua Bernardino Machado, 56
AVEIRO

Lojas, apartamentos T2 e T3 no Eucalipto e Esgueira.

Moradias em Quintãs e Verdemilho.

VENDE O PROPRIETÁRIO

DESERTAS, L.DA. — Telefone 25076 — Aveiro.

S. R.

Capitania do Porto de Aveiro

EDITAL N.° 12/81

CARLOS JOSÉ SALDANHA MOTA DOS SANTOS, Capitão de Fragata, Capitão do Porto de Aveiro, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo Art.° 10 do Regulamento Geral das Capitanias, determina e faz saber o seguinte:

Que por publicação deste Edital, se realiza no dia 18 de Outubro de 1981 das 8 às 12 horas, patrocinado pelo CAFÉ GATO PRETO um concurso de pesca desportiva, em locais denominados MOLHE NORTE, sendo estas zonas reservadas para efeitos exclusivos do concurso.

Este Edital, será publicado na Imprensa Regional, para conhecimento público.

Aveiro, 1 de Outubro de 1981

O CAPITÃO DO PORTO,
a) Carlos J. S. Mota dos Santos
Cap. Frag.

CAMPANHA DE NOVAS ASSINATURAS

Ao Semanário
Litoral
Rua de Nascimento Leitão, 36
Telefone 22261
3800 AVEIRO

Litoral

12 meses ☐
6 meses ☐

Marque com uma cruz a modalidade que lhe interessa

Envio cheque n.° ______
☐
do Banco ______
☐ Envio vale do correio n.° ______
Nome ______
Morada ______
Assinatura ______

Assinaturas (pagamento adiantado) — Continente e Ilhas: anual **300$00**; semestral **150$00**; Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor (via aérea): anual **800$00**; semestral **400$00**; Europa (via aérea): anual **750$00**; semestral **375$00**. Espanha (via aérea): anual **475$00**; semestral **237$50**; restantes países, incluindo o Brasil (via aérea): anual **1050$00**; semestral **525$00**.

Agradecemos que os assinantes com pagamentos em atraso tenham a gentileza de os regularizar, para evitar despesas com cobrança pelo correio.

As novas assinaturas, a partir de 1980 (inclusive) deverão ser pagas adiantadamente.

Histórias do nosso tempo

Continuação da 1.ª Página

mero maior apresentavam dimensões menores!

Para encurtar razões, ficou demonstrada certa barafunda na definição comercial, pelo menos neste artigo, o que equivale a dizer não ser de fiar na designação numérica para efeitos da escolha de um dado tamanho.

Com a naturalíssima dificuldade de com a sua linguagem se fazer entender, espantado o nosso visitante nipónico, sempre conseguiu fazer-se compreender, perguntando: «É fabrico português?»

... ...

Certamente ele queria significar: vão para a CEE com este estado de coisas e esperem pela pancada!

●

Quando cheguei à Repartição de Finanças de Aveiro para entregar a Declaração do Imposto Complementar já uma longa bicha de contribuintes se estendia por ali fora vindo até ao patamar da escadaria do edifício.

Como é sabido, se bem que estar numa bicha é um sacrifício demorado por parecer nunca mais chegar a nossa vez, tem ao menos a vantagem de proporcionar a sensação agradável de ver passar os que já foram atendidos com um semblante de alívio, em perfeito contraste com a cara daqueles que, estando no último terço da coluna, perspectivam uma demora de algumas horas.

Dialogando com os meus botões, eis que vejo um cavalheiro baixinho, semicalvo, pasta debaixo do braço, estilo fura-vidas, agitado e melífluo, que se aproxima de um cidadão que se encontrava igualmente na bicha, alguns metros à minha frente. Cumprimentando este num misto de respeito e cordialidade, diz-lhe qualquer coisa baixinho e, sempre cheio de salamaleques, deixa adivinhar nos presentes que lhe está a oferecer os seus préstimos, isto é, ir lá dentro tratar do caso, do seu caso, com toda a rapidez, só possível quando descaradamente se passa à frente de todos e se pode contar com a conivência do funcionário que trata do assunto, o que, infelizmente, muito bem pode acontecer.

Suspenso pelo que estava a ver, pude assistir a uma atitude tão correcta como insólita: o dito cidadão, insensível aos cantos de sereia do prestimoso homenzinho, agradeceu delicadamente, mas continuou integrado na bicha aguardando a sua vez!!!

Convenha-se que uma tal fleuma nunca seria de esperar num País em que todos têm amigos desembaraçados e todos se pelam por «comer as papas na cabeça dos outros», ciosos daquela esperteza rústica, vulgo «esperteza saloia».

●

Enquanto que os nossos homens de letras procuram valorizar a Língua publicando obras cada vez mais valiosas quer pelo estilo quer pelo conteúdo — assim falam os conceituados críticos — e os nossos políticos, nas sessões da Assembleia da República, expendem inflamados discursos que desde logo se impõem quer pela elevação dos conceitos quer pela erudição da forma, nós, Portugueses, neste depauperado e desanimado rectângulo (como agora pejorativamente lhe chamam), vamos enchendo a linguagem de vocábulos estranhos, importados uns e adulterados outros, a ponto de, qualquer dia, o povo (que deploravelmente continua afogado numa elevada percentagem de analfabetos), porque não lê, não aprende nem procura cultivar-se, vir a falar uma manta de retalhos na qual predomina o calão ancestral misturado com os variadíssimos estrangeirismos diariamente fornecidos e divulgados pela Imprensa, pela Rádio, pela Televisão, pelos emigrantes, etc., e que os nossos compatriotas tão avidamente absorvem e empregam numa manifestação de grande à-vontade e de cultura básica!

É «encantador» ouvir a todo o momento «chiau, chiau» ou «bye-bye», nos actos de despedida; o emprego do «O.K.» por tudo e por nada; frequentar «pubs» e fazer compras no «shopping-center»; comprar calçado no «bottier Charles» ou ser vestido pela «boutique» qualquer coisa; o estar numa «boa» ou dispor de «grana»; tomar uma pequena refeição no «snack-bar» depois de ter assistido a um «show». E tudo isto tem um sabor especial quando tanta gente que assim se exprime é de letras, quantas vezes muito elementares!

Mas onde a idiotice se revela mais acentuada é nas legendas estampadas ou aplicadas nas peças do vestuário, tais como: na camisola de um homem (sex instructor — I'm free); num «jean», sobre cada uma das nádegas (toi-moi); sobre os seios (I love you); no peitilho da camisa fitas de cor imitando condecorações militares e nas mangas U.S. Army, etc., etc.

Não se diga que a crise vai pelo Mundo inteiro, que por falta de originalidade e grande dose de toleima todas estas manifestações que entre nós se topam a cada passo expressam qualquer coisa de progressista, de avançado, de cultural! Por que não reconhecer que se está copiando qualquer coisa de ridiculamente caricato, de carnavalesco e destrambelhado, impróprio de quem é equilibrado e sensato, porquê? Por este andar, onde vamos parar?

9.Outubro.81

MARCOS

Assestando o binóculo

Continuação da 1.ª Página

de quadrante, os tempos são outros, e os homens — esses, continuam cada vez mais uns desconhecidos, como diria Carrel.

Por diversas circunstâncias, no momento presente, é dificílimo impor disciplinas, a palavra civismo foi banida, e o respeito — é um desrespeito contínuo.

Alguma coisa se tem dito acerca da falta de asseio da nossa terra, assacando culpas a estes e àqueles.

Parece-nos, em primeiro lugar, que uma grande quota-parte de responsabilidade cabe aos serviços camarários encarregados do sector.

Vejamos o mar de detritos que se espalham pelas ruas e passeios, durante a recolha nocturna do lixo, quando o pessoal, em corrida contra-relógio, empunha os recipientes, vaza-os mal, e os lança de qualquer maneira para o solo.

É na artéria principal que o quadro mais ressalta — com os diversos odores correspondentes, e uns saltos, por vezes de obstáculos —, pela profusão das montras iluminadas, a despeito das restrições (?) de energia impostas.

De arrepiar o que ocorre também no Rossio, mormente após a Feira dos 28, quando a limpeza do recinto poderia ser efectuada de imediato, e de certo modo rápida, por se tratar de lixo quase exclusivamente composto de papelões e de plásticos. Acontece ainda que tudo se agrava quando o mercado tem lugar ao sábado, pois faz-se — nem sempre — uma recolha superficial, reservando para segunda-feira o resto da remoção.

É um espectáculo deprimente que se apresenta no domingo aos olhos de centenas de forasteiros que por ali transitam. E, com vento de feição, o caudal atinge a própria Ponte-Praça, num redemoinho infernal de papelada.

Resta-nos acrescentar que o vandalismo que opera na cidade, e a falta de civismo de muita gente, agrava um problema a que se deveria pôr cobro, ou amenizar o mais possível.

Têm uma palavra a dizer os serviços camarários, a autoridade competente, e os utentes da via pública que a emporcalham.

Uma cidade que nasceu linda, precisa de vestir bem e calçar melhor.

AMADEU DE SOUSA

«Museu da Ria»

Continuação da 1.ª Página

e não a deixar vogar à rola... nem ir à vela!

Dispenso-me de asseverar que sou «cagaréu» até à medula dos ossos. Embora estes se vão tornando esponjosos e quebradiços e crescentemente se vão criando artroses emperrantes e ferrugem nas perras dobradiças.

E, quer queira, quer não, já agora serei cidadão aposentado, mas vitalício. E neste tempo que me vai restando — e que tenho de fundilhar de qualquer maneira, travarei, como qualquer «lidador» de antanho, anquilosado, o bom combate possível — ainda com algum denodo, e de peito aberto, pela concretização dessa meritória e valorativa obra. Que tanto, e há tanto, está nos nossos anseios mais radicada e lidimamente aveirense. (Eu diria antes patrióticos, mas tenho a impressão, talvez errada, que a palavra, e o conceito que ela representa, se degradaram, e caíram em desuso).

Assim, insisto, teimosa, obstinadamente. Sem açaimo, nem surdina, que também, felizmente, já me não põem. Convicto inabalavelmente da minha (e nossa) razão.

Aliás a ideia que preconizei e advogarei sem desfalecimento nem detença, como já deixei recordado, está há muito a germinar e a lançar raízes, e vê-se já em germinação desabrolhante e generalizada. Não é minha; quer dizer, não é apenas minha.

Por dever cívico e de aveirismo, reiteradamente patrocinarei, repito, por que, uma vez que terminem as utilitárias e fomentadoras funções de actividades com reprodutividade imediata que lhe estão cometidas — e para as quais foram especificamente construídas — e fiquem dessa utilização vagas as actuais instalações da «Lota» (mas como que «ex-librescas» «Pirâmides», já dos tempos da Senhora Dona Maria II, pela qual tantos aveirenses lutaram) se lhes dê oportuna e mais aconselhável e prestadia das aplicações. Aproveitando, como o bom critério recomenda e com são e largo critério de adaptação, com larguíssimas ensanchas, as suas inestimáveis condições para o indeclinavelmente desejado **Museu da Ria.**

As edificações existentes são amplamente vastas para essa finalidade sem preço. Para já, para o que seja possível reunir inicialmente, e para alguma reserva cautelar e recomendável, já que o museu nascerá pequeno e a engatinhar e terá muito que crescer. E dessa forma nunca serão sobejas e terão antes de ser complementarizadas. Circundam-nas, aliás, dilatadas áreas de terrenos, que suscitam a hipótese de manter em laboração, anexa ao museu, uma «marinha de sal» genuína e viva, que se baste a si própria — já que não pressupõe qualquer espírito de lucro fiduciário. E, pelo menos, numa das faces, banham-nas ideais superfícies líquidas e inundáveis, para manter em flutuação, autênticos e usados, veracíssimos e no «habitat» próprio, algumas das mais características embarcações regionais.

Perdoem que me repita, mas o tema é o mesmo, e apenas sobre ele tendo, monocórdicas, as vereações exegéticas que ele me vai sugerindo.

Há, pois, um canal que abraçará o museu, que eu já vislumbro. Aí poderão ver-se, e admirar-se, como objecto de estudo e aprendizagem e pelo pitoresco e singularidade, alguns desses típicos barcos, que parece terem nascido na nossa laguna, como plantas aquáticas, autóctones e caracterizadoras. E que, tal como as espécies que constituíam os antigos «moliços» fertilizantes, que terão chegado ao termo do seu ciclo biológico, tendem a ceder o lugar às cosmopoliticamente incaracterísticas, e exóticas, embarcações motorizadas, de recreio e desporto, que tanto sulcam a Ria, como, com a mesma afoiteza, as águas dos antípodas.

E há, ou faz-se, uma salina, na imediata contiguidade, como já referi. E com toda a sua íntegra, paradigmática configuração tradicional, que pouco terá evoluído desde os tempos e, assim, **ab Alavarium condita**, que serviria para manter em rediviva laboração, e, deste modo, em efectiva, viva, orgânica e concludente função documental e didáctica. E, insisto, teria mesmo rendibilidade própria, para um autofinanciamento, mesmo que se pressinta já como que uma fase crepuscular, pré-agonica, das geometrizadas marinhas, que, com a cintilação dos seus alvos montes cónicos, tem vindo, há mais de um milénio, a imprimir, ao redor de Aveiro, uma tão típica e cativante beleza paisagística, singularizadora. E que tem constituído um grande cartaz de atracção e um dos nossos mais enlevantes vínculos de aveirismo.

Também sei que a transferência da «Lota» — ainda nem sequer definitiva e minuciosamente projectada — não se vai efectivar de um dia para o outro. Que, muito provavelmente, vai tardar em efectuar-se maior número de anos do que aqueles que viverei.

Mas não estou a pensar em mim, nem em termos de hoje ou do passado. Estou voltado para o futuro e em deixar-lhe lembranças do meu tempo, e do que me antecedeu.

Por um lado, eu ainda conheci, e fruí, a Ria, em toda a sua deslumbrante plenitude. E, por outro, também sei, pela calejada experiência septuagenária, e pelo consequente «uso do cachimbo», que, em certos casos, vale a pena não ser apressado e precipitar soluções — como que para uma «sinfonia incompleta». Não vá, com o afã sofregamente pressuroso, realizar-se uma obra insatisfatória, parcelar, inconclusa, e com ela impedir-se, com o dilatório e emperrante argumento de que o que há vai bastando, a criação da mais funda e lidimamente ambicionada — e que, essa sim, terá todos os latos requisitos, para encarar todas as diversificações de uma solução completa, de conjunto, verdadeiramente a nível nacional.

A Junta Autónoma, espero-o bem, compreensiva e lucidamente, como é seu timbre, não aproveitará, frustrantemente, as instalações em perspectivas de vagar, apenas pelo avaro critério de as não deixar sem utilização. Para não as desperdiçar. Ou cedendo-as a entidades particulares ligadas com actividades náuticas recreativas. Que eu sempre ouvi dizer, quanto a essas, e àquelas que nelas se conglomeram, que «quem quer festa, sua-lhe a testa». E já não são de somenos as facilidades que lhes têm sido concedidas, e que todos nós, os que andam apenas com os pés no chão, temos vindo, indirectamente, a pagar.

Certamente, esse organismo, a tantos títulos benemérito, não criará entraves tolhedores para que as edificações em causa, e os terrenos circundantes, do seu património, e, pois, da comunidade, transitem com o melhor e mais perduradouro e profícuo dos aproveitamentos, para outro departamento público, que acaso a compense, de modo e montante a ajustar. Ao fim, haveria, quanto à jurisdição e posse, como que apenas um mudar de rótulo. E uma colaboração prestante, a estabelecer, talvez, com os prévios compromissos compatibilizadores; um protocolo bem ponderado, entre as entidades locais e estatais competentes.

E, sem querer prejudicar instituições, já existentes, e que estão cumprindo uma muito meritória função, ir já ponderando e tratando os preliminares dessa transferência, e limando quaisquer possíveis arestas — para planificar, devida e minuciosamente, a longo prazo e sem lamentáveis lacunas, o integral, e real, «Museu da Ria». Da Ria, que não só de embarcações.

...E voltaremos ao assunto, insistentemente.

EDUARDO CERQUEIRA

Como agradecimento por graças recebidas e implorando outras, a S. Judas Tadeu, ao Menino Jesus de Praga, Padre Cruz e para incentivar a devoção aos mesmos. — *M.V.C.*

AVEIRO

Continuação da 1.ª página

vasta sala em anfiteatro. Nela se localiza a cidade que é capital e orientadora de toda a vida regional do seu distrito. Dela nos vamos ocupar apressadamente com a intenção de saber se esta cidade é ou não merecedora de «capitanear» tão vastas áreas e tão operosas gentes como as que constituem o seu distrito.

Declaramo-lo desde já: fala-se no nosso País e di-lo o nosso Governo que é preciso regionalizar. Embora cépticos, aceitamos que a regionalização seja remédio para alguns dos males que nos afligem, não panaceia capaz de os resolver a todos. Mas, que regionalização? É óbvio que nos referimos sempre a uma regionalização administrativa, embora tenhamos que reconhecer a permeabilidade das suas paredes e a possibilidade da sua interferência em outros tipos de regionalização (económica, castrense, religiosa, política, etc.).

Se falamos em regionalização é porque cremos que ela será o primeiro passo para a apregoada e desejada descentralização. Esta é a transferência do poder dos órgãos centrais para os órgãos regionais e até para os órgãos locais.

Assim se estabelecem os degraus que é preciso estabelecer antes da transferência de poderes. Feita a escada com os seus patamares, fica estabelecida a hierarquização e a prioridade das transferências: Poder Central, Poder Regional e Poder Local serão esses patamares e os lanços da escadaria farão as respectivas ligações funcionais.

Proceder doutro modo afigura-se-nos estruturalmente errado, desconexo e anedótico.

Portanto, o primeiro passo sério a dar neste campo da descentralização será o de estabelecer a unidade regional, o que até hoje ainda não se fez. Sabe-se apenas e diz-se que ela deve ter uma dimensão geográfica conveniente: nem demasiadamente grande nem demasiadamente pequena. Entretanto, há medidas governamentais contraditórias e, a esta conveniência de dimensão, opõe-se por exemplo o Decreto N.º 494/79 que, embora não diga respeito a uma regionalização administrativa, estabelece bases condicentes a essa regionalização com a criação das Comissões Coordenadoras Regionais (C.C.R.) em número de cinco e tomam à sua conta cada uma das cinco fatias em que, para o efeito, se divide o território continental português.

Em nosso entender, a aplicação deste Decreto-Lei trará funestas consequências em todos os campos de actividade porque às actuais assimetrias entre o norte e o sul ou entre o interior e a orla marítima sucederão inevitavelmente as assimetrias dos nossos *impérios* com sede em Porto, Coimbra, Lisboa e Évora. Só não citamos o de Faro porque para ele, e sem explicação plausível, se reservou uma área conveniente que é a do respectivo distrito.

Ora, o princípio que foi aplicado ao caso de Faro deve tornar-se extensivo ao resto do País e então diremos com veemência e entusiasmo: *pois venham as regiões mas cada uma deve coincidir com um distrito.*

E, se for assim, terá Aveiro as condições e os requisitos necessários para ser capital regional?

Já deu abundantes provas positivas dessa sua capacidade ao longo de 150 anos em que foi capital distrital, não obstante alguns períodos de crise motivados pela evolução da sua Ria. Soube vencer airosamente esses tempos maus da sua história e manteve permanentemente o fogo sagrado do seu progresso de modo a tornar-se a «menina bonita» de todos os concelhos do seu distrito, alguns deles de nascimento muito mais recente do que o da própria Aveiro.

Conta já mais de mil anos o documento mais antigo que se conhece, no qual é mencionada a povoação de Aveiro; já foi há mais de cinco séculos que se deu a fundação canónica do Mosteiro de Jesus onde viria a professar a ínclita Princesa Santa Joana; passa já de duzentos anos que a povoação de Aveiro, graças à sua importância já assinalada como grande, foi elevada à categoria de cidade. São fastos memoráveis estes, mas há mais.

Entre os restantes, permito-me assinalar a publicação da Obra Monumental que é «O Mosteiro de Jesus de Aveiro» da autoria do Padre Dr. Domingos Maurício Gomes dos Santos. Diz este muito ilustre sacerdote e historiador no início da sua obra: «*...neste trabalho, com o qual desejamos solenizar o milenário da fundação de Aveiro, o bicentenário da sua elevação à categoria de cidade e o quinto centenário da fundação canónica do Mosteiro de Jesus*».

Pois nessa extraordinária obra já estão mencionados, e com referências a antiquíssimos documentos, dezassete dos dezanove concelhos que formam o nosso distrito, faltando apenas os de Espinho e Murtosa por serem de criação recente, como já dissemos. Estão referidas as suas terras mas não estão mencionados estes dois concelhos como autarquias autónomas pela razão apontada.

É orgulho para Aveiro o facto de ter dado origem e possibilidades de feitura para trabalho de tanta envergadura. Quase nos apetecia lançar um desafio: venha quem quiser, de qualquer outro distrito, tentar igualar-se a nós neste capítulo.

E é talvez por isto e por muito mais que Aveiro não aceita subordinações em relação às outras capitais das C.C.R.s, chamem-se elas Porto ou Coimbra.

Aveiro é verdadeiramente capital do seu distrito. Por isso o quer intacto, uno e indivisível. Todos os conceitos que contrariarem esta norma terão os seus dias contados, porque os concelhos do distrito aveirense levantar-se-ão «una voce» para afirmar e consolidar o seu bairrismo.

ORLANDO DE OLIVEIRA

Um magno problema

Aveiro na Regionalização

Continuação da 1.ª página

preocupação de um também Beirão, eventualmente céptico quanto ao esforço Regionalista, mas que não quer que a sua zona de Aveiro seja atraída e sufocada pelo atavismo de outras zonas. E tem razões de sobra o autor para isso recear e também nós viremos um dia a juntar à sua a nossa voz se tal viesse a acontecer. Mas a Regionalização que se defende não é nem pode ser para cortar as pernas a quem as tem para andar. É para as fortalecer e dá-las a quem não pôde (zona do interior) ou não soube (zona de Coimbra) ganhá-las. E dizemo-lo no entendimento de que Aveiro, como parte integrante que é da Região das Beiras, só tem a ganhar com uma Regionalização forte e desenvolvida, como uma Região que constitua um corpo com identidade e objectivos comuns que a actual divisão administrativa claramente não prevê nem contempla.

Em termos mais concretos, o artigo de Manuel Bóia encerra dois tipos de preocupação: a eventual divisão do distrito de Aveiro e a «Automática Subordinação» de Aveiro a Coimbra.

Sobre o primeiro ponto é importante dizer desde já que não há nenhum tipo de Regionalização autêntica que passe pelos distritos que temos, criados por e para o poder central que os dirige e controla. E a Regionalização é exactamente o inverso, é restituir às populações os poderes de decisão que lhes cabem e competem nos assuntos que lhes respeitem em primeira mão. Grave não é deixar de existir um distrito. Grave foi e é sacrificar regiões com identidades culturais e sociais em nome de uma divisão administrativa que melhor sirva os objectivos de controle e de domínio de um qualquer governo central. Por ser assim é que na Regionalização agora em curso em França os distritos não resistiram ao primeiro esforço.

Mas o que há a defender não é uma linha imaginária que, em jeito de tratado de Tordesilhas, divida as áreas dominadas. O que há que defender é uma divisão administrativa que respeite as identidades regionais existentes, que não afaste gente do mesmo povo, que não nos separe de nós próprios e da cultura que nos deram no biberão.

Mas e então o que vai acontecer com as zonas limítrofes? Aqui a questão é seguramente mais delicada. Mas não vejo outro critério moralmente são e eticamente correcto que não seja o respeitar a vontade das gentes aí residentes. Há, pois, que lhes perguntar a que Região querem pertencer. Dirão por certo querer fazer parte daquela com que se sintam mais identificadas. E se a Regionalização começa pelo respeito da vontade autêntica das populações, não há volta a dar-lhe.

•

No que respeita ao problema da Região das Beiras levar, necessariamente, à «subordinação automática» de Aveiro a Coimbra, obviamente que não partilho da mesma opinião do autor, embora compreenda e aceite os seus receios, fundamentados em exemplos pontuais que indicou. Sobre isso devo dizer que também ainda não compreendi até hoje o que veio fazer a Coimbra um batalhão da Guarda Fiscal, qual é bem o papel da delegação do Ministério da Agricultura, me custa a conceber uma Região de turismo que não integre Aveiro, etc., etc. Sobre o Centro Tecnológico de Cerâmica e Vidro disse já, em devida oportunidade, da minha justiça, em artigo que o «Litoral» então achou por bem transcrever. Então, como hoje, não me convenceram as razões técnicas que impunham a preferência de Coimbra e alertei para o que efectivamente acabou por acontecer: o Centro Tecnológico acaba por não ser criado nem em Coimbra nem em Aveiro.

Só que tudo isto acontece exactamente porque a Região das Beiras não está criada e, como tal, não existe também um planeamento regional, preterido por um poder político fortemente concentrado em Lisboa, que gosta, vive e alimenta jogos de influência entre grupos de cada zona, dentro da velha máxima de dividir bem para melhor reinar. E é aqui que reside precisamente a componente política de um processo de Regionalização, enquanto recusa a esse sistema de influências de pessoas e grupos ou apadrinhamentos de moral duvidosa. Ou o Sr. Manuel Bóia pensa que se a Região das Beiras existisse, o Centro Tecnológico já não teria sido criado? Ou que a Guarda Fiscal estaria onde a Região entendesse que seria mais necessária? Analise-se bem quem decidiu (ou não decidiu) de uma e outra coisa e tirem-se ilações.

•

Se o que se tem em vista e se defende é uma Regionalização autêntica e não forjada, obviamente que não podem colher nem terão futuro todas as tendências ou intenções dominadoras de uma zona ou cidade sobre a outra. Recordo aqui uma frase célebre do Dr. Girão, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, a cujo concelho vem dando, no meu entendimento, um contributo verdadeiramente invulgar.

Disse ele um dia que se Aveiro sempre se opusera ao colonialismo do Terreiro do Paço não seria com certeza para se subjugar ao colonialismo do Terreiro da Erva. Se as palavras não eram estas, a ideia foi-o seguramente. Faço minhas as suas palavras, apenas com uma adenda final: não confundir Coimbra com pequenos grupos que têm do desenvolvimento Regional uma perspectivação perfeitamente desadequada e obsoleta. Perspectivação de que Coimbra — também é justo reconhecê-lo — tem sido a primeira vítima.

Um processo de Regionalização não se compadece com a política de capelinhas e é em si mesmo uma mentalidade diferente. Claramente superior e que dignifica quem por ele lutar e o fizer com o espírito de isenção que tão nobre causa exige e pressupõe. Foi nesse entendimento que o «Litoral» por certo aderiu, como o fizeram muitos outros jornais da Região.

A causa é nobre, as pessoas reclamam-na e merecem-na.

LINO VINHAL

Válida iniciativa dos BDA sobre

FOGOS NAS FLORESTAS

Continuação da 1.ª Página

para as dificuldades com que continuam a debater-se as Corporações de Bombeiros, e que limitam gravemente a sua acção.

4.º — Pôr em destaque a colaboração dos Serviços Florestais, das Forças Armadas (B.I. Aveiro, Reg. Engenharia de Espinho), da G.N.R. e das populações das zonas sinistradas.

5.º — Pressionar as entidades responsáveis pelo Socorrismo Nacional, para que, a tempo, se tomem decisões (as decisões que há muito se esperam e que são periodicamente reclamadas nos Congressos dos Bombeiros Portugueses) sobre a prevenção, detecção e combate dos fogos florestais, de modo a que, no próximo Verão de 1982, se atenuem as graves situações verificadas no Verão de 1981.

6.º — Repudiar todas as acções tendentes a dividir os Bombeiros de Portugal ou tentativas de os responsabilizar por ineficácia perante situações para as quais não dispõem, nem disporão tão cedo, de recursos técnico-humanos, pese embora o esforço que o recém-criado Serviço Nacional de Bombeiros está a desenvolver.

Desportos

Continuações da última página

AVEIRO NOS NACIONAIS

Castelo Branco, 3. Peniche, União de Coimbra, Rio Maior, Guarda e Portalegrense, 2.

Próxima jornada

Os clubes do nosso Distrito tomam parte nos seguintes desafios:

FEIRENSE - Leixões, Chaves - SANJOANENSE, Famalicão - UNIÃO DE LAMAS, Ginásio de Alcobaça - RECREIO DE ÁGUEDA, OLIVEIRENSE - Académico de Coimbra, BEIRA-MAR - Guarda e OLIVEIRA DO BAIRRO - Peniche

III DIVISÃO

Resultados da 3.ª jornada

SÉRIE «B»

LUSITÂNIA - Mogadourense	(a)
Marco - PAÇOS BRANDÃO	4-1
Valonguense - Régua	1-0
Valadares - Vilanovense	0-2
Lixa - Candal	3-1
Carvalhais - Tirsense	1-3
OVARENSE - Infesta	2-1
Paredes - Ermesinde	0-0

(a) — Jogo adiado, por causa do mau tempo.

SÉRIE «C»

Seia - Penalva	1-0
ALBA - ANADIA	3-2
Alcains - Esperança	3-1
Marialvas - Febres	1-0
ESTARREJA - Pedrulhense	2-0
Mangualde - Oulalos	1-1
Viseu Benfica - Tondela	3-2
Naval - Vildemoinhos	1-0

Resultados da 4.ª jornada

SÉRIE «B»

Mogadourense - Paredes	1-0
PAÇ. BRANDÃO - LUSITÂNIA	1-0
Régua - Marco	0-0
Vilanovense - Valonguense	1-3
Candal - Valadares	2-2
Tirsense - Lixa	1-1
Infesta - Carvalhais	4-0
Ermesinde - OVARENSE	1-1

SÉRIE «C»

Penalva - Naval	3-0
ANADIA - Seia	3-0
Esperança - ALBA	0-0
Febres - Alcains	0-1
Pedrulhense - Marialvas	1-0
Oulalos - ESTARREJA	2-1
Tondela - Mangualde	0-0
Vildemoinhos Viseu/Benfica	0-0

Classificações

SÉRIE «B» — Infesta, OVARENSE e Valonguense, 6 pontos. Lixa, Marco, Tirsense e PAÇOS DE BRANDÃO, 5. Régua, 4. Candal, Valadares, Ermesinde, Mogadourense (menos um jogo) e LUSITÂNIA DE LOUROSA (menos um jogo), 3. Vilanovense (menos um jogo), 2. Paredes, 1. Carvalhais (menos um jogo), 0.

SÉRIE «C» — ANADIA, Penalva do Castelo, Oulalos, Seia e Viseu e Benfica, 6. Alcains, Tondela e Mangualde, 4. ESTARREJA (menos um jogo), Esperança (menos um jogo), ALBA, Naval 1.º de Maio e Pedrulhense, 3. Marialvas e Febres, 2. Lusitano de Vildemoinhos, 1.

Próxima jornada

Os clubes do nosso Distrito tomam parte nos seguintes jogos: Mogadourense - PAÇOS DE BRANDÃO, LUSITÂNIA DE LOUROSA - Régua, Paredes - OVARENSE, Penalva do Castelo - ANADIA, ALBA - Febres e ESTARREJA - Tondela.

JUNIORES — I DIVISÃO

Resultados da 2.ª jornada

SÉRIE «B»

Vilanovense - Porto	0-3
ESPINHO - Amarante	(a)
CORTEGAÇA - ESTARREJA	4-0
Salgueiros - Vildemoinhos	5-0
Boavista - SANJOANENSE	1-1

(a) — Suspenso, por causa do mau tempo, com o marcador em 1-1 (45m.).

SÉRIE «C»

ANADIA - Buarcos	4-0
U. Coimbra - BEIRA-MAR	1-0
Fiais Telha - C. Senhorim	adiado
S. Romão - Ac.º Coimbra	1-1
Vilar Formoso - Mortágua	4-1

Resultados da 3.ª jornada

SÉRIE «B»

Vilanovense - ESPINHO	1-0
Amarante - CORTEGAÇA	4-1
ESTARREJA - Salgueiros	0-4
Vildemoinhos - Boavista	1-5
Porto - SANJOANENSE	1-0

SÉRIE «C»

ANADIA - U. Coimbra	2-0
BEIRA-MAR - Fiais Telha	3-0
C. Senhorim - S. Romão	1-2
Ac.º Coimbra - Vilar Formoso	2-0
Buarcos - Mortágua	1-0

Classificações

SÉRIE «B» — Salgueiros e Porto, 6 pontos. Amarante (menos um jogo), 4. Boavista e CORTEGAÇA, 3. Vilanovense, 2. SANJOANENSE e Lusitano de Vildemoinhos, 1. ESPINHO (menos dois jogos) e ESTARREJA (menos um jogo), 0.

SÉRIE «C» — S. Romão, Académico de Coimbra e ANADIA, 5 pontos. BEIRA-MAR, Vilar Formoso e Buarcos, 3. União de Coimbra (menos um jogo), 2. Canas de Senhorim (menos dois jogos), Fiais da Telha (menos um jogo) e Mortágua, 0.

Próxima Jornada

Os clubes do nosso Distrito tomam parte nos seguintes jogos:

ESPINHO — Porto, CORTEGAÇA — Vilanovense, Boavista — ESTARREJA, SANJOANENSE — Lusitano de Vildemoinhos, Fiais da Telha — ANADIA e S. Romão — BEIRA-MAR.

Beira-Mar continua invicto

Fernandes, da Comissão Distrital de Lisboa.

As equipas formaram assim:

CARTAXO — Costa; Baldé, Coelho, Simões e Vital; Gabriel, Pego e Brito; Bartolomeu, Cruz e Orlando (Zequinha, aos 71m.).

BEIRA-MAR — Valter; Silva, Joca, Celton e Marques; Cambraia, Quim (Manuel Dias, aos 64m.) e Guedes; Jordão, Meco e Zé Carlos.

Suplentes não utilizados — Arnaldo, Mira, Rui Paulo e Álvaro, no Cartaxo; e Rui, Ludgero, Nogueira e Pedro, no Beira-Mar.

Acção disciplinar — O árbitro exibiu o «cartão amarelo» aos beiramarenses Valter (32m.) e Celton (50m.); e aos cartaxenses Orlando (62m.) e Costa (68m.).

●

O resultado do jogo ficou estabelecido na metade inicial. Marcou primeiro o Cartaxo, aos 32m., por intermédio de ORLANDO, em recarga de bola que Valter procurava recuperar, depois de remate de longe de Brito — tendo o **keeper** beiramarense contestado a legalidade do lance (pelo que lhe foi mostrado o «cartão amarelo»).

Dois minutos volvidos (34m.), CAMBRAIA repôs a igualdade, com forte e colocado remate a meia-altura, que bateu sem apelo o guarda-redes Costa, figura em grande evidência na turma da casa.

●

O 1-1 é desfecho aceitável, conquanto o Beira-Mar — que denotou superior organização e usufruiu de notório ascendente, antes do intervalo —, a hver um vencedor, merecesse esse prémio.

Refira-se que, já na etapa complementar, os auri-negros alcançaram outro tento, em remate de Jordão — mas o árbitro não o validou, porque o «bandeirinha» sr. Luís Mónica assinalara fora-de-jogo.

O jogo, correcto e agradável de seguir (embora com futebol apenas regular), teve arbitragem a condizer: imparcial e correcta.

ra-Mar; e Rogério, Sequeira e Matos, no Benfica de Castelo Branco.

●

O único tento do encontro foi apontado, já para além da segunda parte da etapa complementar, em remate de ZÉ CARLOS (aos 73 minutos), que, no flanco direito e no seguimento de abertura de Cambraia, se isolou e atirou vitoriosamente à baliza de Massas, surpreendido pela rapidez da execução do dianteiro beiramarense.

●

Numa tarde diluviana, com a chuva que caiu e o relvado (escorregadio, traiçoeiro e «careca» junto das balizas) a dificultarem a missão dos jogadores, teve necessariamente de ressentir-se a qualidade do futebol praticado. Mas o certo é que, pela aplicação dos atletas e pelo empenho que, embora com sinal contrário (os aveirenses, procurando vencer; os albicastrenses, tentando não perder...), todos puseram na luta, o desafio teve interesse e prendeu, até final, a atenção dos espectadores.

O Beira-Mar, que se manteve quase sempre no ataque, em muitas fases numa ofensiva pertinaz, claudicou no capítulo da concretização, em que, algumas vezes, foi desafortunado (casos de perdidas de Zé Carlos e Guedes, ainda no quarto de hora inicial; dum remate de cabeça de Celton, aos 17m., à figura de Massas; dum desaproveitado centro de Manuel Dias, aos 74m; da bola que Marques, aos 85m., atirou contra a barra, na marcação de um livre; e, na sequência do mesmo lance, do golpe de cabeça de Cambraia, na recarga, a deixar o esférico nas mãos de Massas).

Assim, o triunfo que alcançou — e foi inquestionavelmente justo e amplamente merecido — acabou por ser «arrancado-a-ferros», o que lhe emprestou um sabor muito especial...

O encontro decorreu com grande espírito desportivo, e a arbitragem, sem problemas, situou-se em excelente plano.

●

No desafio do passado domingo, no Campo das Pratas, arbitrou o sr. Pedro Quaresma, coadjuvado pelos srs. Luís Mónica e Augusto

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 10 DO «TOTOBOLA»

25 de Outubro de 1981

1 — Vianense — Ermesinde		1
2 — Tondela — Marialvas		1
3 — Torres Novas — Alba		1
4 — Coruchense — S.L. Olivais		1
5 — Vendas Novas — Almada		2
6 — Atlético — Olhanense		X
7 — Loures — Oriental		1
8 — Liverpool — Manch. United.		1
9 — Middlesbrough — Everton		X
10 — W.B. Alb. — Southampton		X
11 — Coventry — Swansea		2
12 — Notts Co. — West Ham		X
13 — Manc. City — Nottingham		1

Graves Carências

vítimas todos os que, por qualquer motivo, foram assistir (ou participar) no jogo Beira-Mar — Benfica de Castelo Branco.

Um espectáculo deveras caricato, que, sendo até passível de vergonha para qualquer zona rural, mais vergonhoso e inadmissível se torna numa cidade, como Aveiro. Foi, de facto, «lindo de ver» a fila indiana dos espectadores, sob chuva forte, a encaminharem-se para os seus lugares e a sairem destes, no regresso a suas casas, fazendo equilíbrios circenses sobre pranchas de madeira, colocadas quais barachas, para impedirem o atolamento total dos passantes...

Para lá deste ângulo de visão, o problema apresenta-se de maior gravidade, já que dele resultam prejuízos para a saúde — e importa, por todos os meios, preservar a qualidade de vida de todos nós! — e para a bolsa, pelos estragos no vestuário (calçado e calças)...

Ora, parece-nos — sem ter a veleidade de entrar em conflito com os técnicos, certamente habilitados para resolver o assunto — que o caso é de cristalina simplicidade; e, por isso, atrevemo-nos a apontar a solução que se nos afigura mais ajustada.

Trata-se da aplicação — mas de imediato, sem perda de tempo! — nas referidas zonas de pavimentos idênticos (ou mesmo iguais) aos que se utilizaram no arranjo do recinto da «Feira de Março» e nos passeios da Rua dos Santos Mártires.

É este o pedido-sugestão que hoje deixamos à Câmara Municipal de Aveiro. Trata-se de um desafio, um repto em que temos Aveiro inteiro a «torcer» pela mesma causa — e em que, confiadamente o esperamos, a equipa a que preside o dinâmico Dr. José Girão Pereira vai lutar para se alcançar a vitória que todos ambicionamos.

Não vai haver, por certo, «foras-de-jogo»...

Basquetebol

III DIVISÃO

— **Série A** —

Gaia — Coelima	115-24
Ed. Física — Facar	52-51
Coimbrões — Ac. Viseu	68-64
BEIRA-MAR — Montiagra	85-61
D. Fundão — ESGUEIRA	D.V.

— **Série B** —

F. d'Holanda — D. Póvoa	58-83
Vianense — Oliv. Douro	74-63
Os Académicos — ARCA	63-132
D. Covilhã — D. Leça	48-75

Ambos os campeonatos prosseguem, na tarde de amanhã, sábado, estando marcados os seguintes desafios:

II DIVISÃO — Sport — ILLIABUM, Guifões — Cdup, SANJOANENSE — Vilanovense, Vasco da Gama — Académica, Académico do Porto — GALITOS e Sporting Figueirense — Salesianos.

III DIVISÃO — Coelima — Desportivo do Fundão, Facar — Gaia, Académico de Viseu — Educação Física, Montiagra — Coimbrões, ESGUEIRA — BEIRA-MAR, Desportivo da Póvoa — Desportivo da Covilhã, Praia da Aguda — Vianense e Desportivo de Leça — Os Académicos. (Folga a turma do ARCA, por desistência da Académica de Águeda).

Aveirenses em evidência

desafios, que se consideraram questão secundária. (Registe-se até, em parentesis, e como elucidativo exemplo, que, sempre que começava a haver grande desnível na marcação, se promovia a troca de jogadores entre as equipas, em ordem a que se registasse equilíbrio em jogo-jogado e nos desfechos).

Além dos jovens do Distrito de Aveiro, participaram no MINICESTO-81 turmas de minibasquetebolistas que representaram a Horta («Hortências» e «Ilha Azul»), Santarém («Globettroters» de Pernes e «Globttroters» de Torres Novas), Évora («Ropers») e Funchal («Orquídeas», «Bordadeiras», «Girassóis» e «Os Bananas»).

Como já referimos, não se divulgaram os resultados. No entanto, podemos afirmar que a representação aveirense teve comportamento brilhante, notabilizando-se tanto «Os Cagaréus» — que contaram por vitórias os jogos em que participaram; como «As Varinas», que averbaram apenas um desaire, ante as açorianas da turma das «Hortências».

Andebol de Sete

Académico do Porto, 11. Águas Santas e Fermentões, 9. Maia, Desportivo da Póvoa e Associação Académica, 7. S. BERNARDO, 6.

::::

O campeonato tem programada, agora, uma pausa de duas semanas — estando os jogos referentes à sexta jornada marcados para 31 do corrente mês de Outubro.

VELA

I REGATA DO CLUBE DE VELA DA COSTA NOVA

Jorge Martins Pereira (Clube de Vela da Costa Nova).

Snipes — 1.º — David Calão - João Calão. 2.º — Jorge Batel - Paulo Zagalo. 3.º — Jorge Picado - José Picado — todos do Clube de Vela da Costa Nova.

Vauriens — 1.º — José Tavares - Luís Teiga. 2.º — António Henriques - Abel Santiago. 3.º — Salustiano Ribeiro - Pedro Ribeiro. — todos do Sporting de Aveiro.

Vougas — 1.º — Francisco Leite - Ana Leite - Paula Leite. 2.º — João Paião - Rosinda Paião - Joana Paião. — todos do Clube de Vela da Costa Nova.

Laser — 1.º — Adolfo Paião. 2.º — Ana Leitão — ambos do Clube de Vela da Costa Nova.

Sharpies 12 metros — 1.º — Aníbal Paião - Carlos Barros (Clube de Vela da Costa Nova).

470 — 1.º — Justino Pinheiro - Manuel Ré (Clube de Vela da Costa Nova).

DESPORTOS

Secção Dirigida por ANTÓNIO LEOPOLDO

GRAVES CARÊNCIAS

no Estádio Municipal de «Mário Duarte»

Diversas vezes — tantas, tantas que já não têm conta... —, temo-nos feito eco, nas colunas do LITORAL, de carências, de ordem vária, do Estádio Municipal de «Mário Duarte».

Uma delas, de muito fácil e rápida solução, refere-se à falta, nos lugares reservados à Imprensa, ao menos de uma prancha de madeira, que possibilitasse aos homens dos jornais um mínimo de condições para o desempenho das suas tarefas. No entanto, e para que não se julgue que pretendemos apenas puxar a brasa para a nossa sardinha, não insistimos, hoje, neste pedido-alvitre — até porque temos a promessa, de qualificados dirigentes do Beira-Mar, de que o assunto vai ser resolvido, muito em breve. Aguardemos...

O que importa é que — sem perda de tempo — se solucione o triste e a todos os títulos lamentável aspecto de verdadeiro lamaçal que existe, entre os portões de entrada no estádio e o início da bancada e da superior (topo do lado-Norte) e se prolonga, depois, diante de todo o sector das bancadas (central e laterais).

Este ano, só ainda no começo da quadra do Outono, intempéries intempestivas e devastadoras trouxeram a Aveiro a fúria dos elementos, causando irreparáveis danos, particularmente em vetustas e frondosas árvores, de grande porte, do Parque Municipal — de que o Estádio de «Mário Duarte» bem poderá considerar-se uma parte complementar.

É óbvio que esta descontrolada invernia, em pleno Outono, para além das negaças feitas ao calendário, causa sérios contratempos ao programado plano de obras em curso no fecho dos degraus da «Superior» do estádio e nos trabalhos de terraplanagem do campo-satélite — dois melhoramentos de grande vulto e de enorme interesse para o futebol aveirense e para os desportistas da nossa terra.

No entanto, estamos em crer que, nesta altura, assume um grau de total prioridade o arranjo a que atrás aludimos — por forma a acabar, de uma vez para todas, com o espectáculo que se verificou no penúltimo domingo, e de que foram, a um tempo, testemunhas e

Continua na penúltima página

CAMPEONATOS NACIONAIS

Os vários torneios federativos, no escalão de seniores masculinos, encontram-se já em andamento — que passará a ser pleno a partir do próximo fim-de-semana, com o início (com dupla-jornada, no sábado e no domingo), de Campeonato Nacional da I Divisão, cujo programa está assim estabelecido:

Sábado — Atlético — Ginásio Figueirense, Sporting — Olivais, OVAR/Philips — Queluz, Porto — Oriental, Académico de Coimbra Barreirense e SANGALHOS/Revigrés — Benfica.

Domingo — Atlético — Olivais, Sporting — Ginásio Figueirense, OVAR/Philips — Oriental, Porto — Queluz, Académico de Coimbra — Benfica e SANGALHOS/Revigrés — Barreirense.

•

Entretanto, no último sábado (10 de Outubro), começaram os Campeonatos Nacionais da II e da III Divisão, tendo-se apurado, na Zona Norte, os seguintes desfechos:

II DIVISÃO

Jogo	Resultado
Cdup — Sport	85-57
Vilanovense — Guifões	63-72
Académica - SANJOANENSE	59-83
GALITOS — Vasco da Gama	48-75
Salesianos — Académico	61-51
ILLIABUM — S. Figueirense	64-65

Continua na penúltima página

AVEIRENSES EM EVIDÊNCIA

Entre 1 e 6 de Setembro, como o LITORAL referiu no seu n.º 1354 (de 4 do mês findo), o Comité Distrital de Minibasquetebol de Aveiro participou, na «Pérola do Atlântico», no MINICESTO-81, com duas selecções, uma masculina («Os Cagaréus») e outra feminina («As Varinas»).

Tratou-se de excelente jornada de convívio, que, como principal objectivo, visava uma troca de experiência entre os vários participantes; e, por acordo entre os técnicos das várias selecções, não foram divulgados os resultados numéricos dos

Continua na penúltima página

BEIRA-MAR CONTINUA INVICTO

Victória (1-0) sobre o Benfica de Castelo Branco e empate (1-1) no Cartaxo

Nos quatro desafios já cumpridos, na longa e desgastante «maratona» que é o Campeonato Nacional da II Divisão, a turma do Beira-Mar somou duas vitórias (em jogos em Aveiro) e averbou dois empates (nas partidas extra-muros) — pelo que continua invicta, ocupando o terceiro posto, isoladamente, na Zona Centro.

Comportamento deveras meritório, portanto, o dos beiramarenses, que todos já apontam como componentes do lote dos favoritos...

Registamos, de seguida, breves apontamentos dos prélios disputados em 4 e 11 do corrente, respectivamtnte com o Benfica de Castelo Branco, em Aveiro (vitória por 1-0) e com o Sport Lisboa e Cartaxo (empate «fora», por 1-1).

•

No jogo do Estádio de Mário Duarte, arbitrou o sr. Fernando Alberto, coadjuvado pelos srs. Crispim de Sousa (bancada) e Pedro Alves (superior) — equipa da Comissão Distrital do Porto.

Os grupos formaram deste modo:

BEIRA-MAR — Valter; Silva, Joca, Celton (Manuel Dias, no segundo tempo) e Marques; Quim, Cambraia e Tony (Jordão, aos 63m.); Guedes, Meco e Zé Carlos.

B.º C. BRANCO — Massas; Salavessa, Leonardo, Margaça e Minho; Carlos, Prieto e Adérito (Pincho, aos 82m.); Pereira, Zé Luís e Vieira (Graça, aos 64m.).

Suplentes não utilizados — Domingos, Nogueira e Pedro, no Bei-

Continua na penúltima página

AVEIRO nos NACIONAIS

II DIVISÃO

Resultados da 3.ª jornada

ZONA NORTE

Jogo	Resultado
Fafe Valdevez	1-0
FEIRENSE - Gil Vicente	1-1
Salgueiros - P. Ferreira	3-4
Bragança - Leixões	1-0
Chaves - Varzim	1-3
Neves - SANJOANENSE	1-2
Leça - LAMAS	0-1
Famalicão - Amarante	1-0

ZONA CENTRO

Jogo	Resultado
Rio Maior - Alcobaça	0-0
OLIVEIRENSE - RECREIO	1-2
Covilhã - Portalegrense	2-0
U. Coimbra - Ac.º Coimbra	0-0
BEIRA-MAR - Benf. C. Branco	1-0
Nazarenos - Guarda	4-0
U. Santarém - Peniche	1-0
OLIV. BAIRRO - Cartaxo	3-1

Resultados da 4.ª jornada

ZONA NORTE

Jogo	Resultado
Veldevez - Leça	5-2
Gil Vicente - Fafe	1-0
P. Ferreira - FEIRENSE	0-0
Leixões - Salgueiros	0-0
Varzim - Bragança	3-0
Amarante - Chaves	0-1
SANJOANENSE - Famalicão	0-0
LAMAS - Neves	2-1

ZONA CENTRO

Jogo	Resultado
Alcobaça - U. Santarém	2-0
RECREIO - Rio Maior	3-0
Portalegrense - OLIVEIRENSE	0-1
Ac.º Coimbra - Covilhã	4-0
Benf. C. Branco - U. Coimbra	2-2
Cartaxo - BEIRA-MAR	1-1
Guarda - OLIV. BATRRO	0-0
Peniche - Nazarenos	0-0

Classificações

ZONA NORTE — Varzim, 7 pontos. SANJOANENSE, Paços de Ferreira e UNIÃO DE LAMAS, 6. Leixões, Fafe, FEIRENSE e Gil Vicente, 5. Famalicão e Bragança, 4. Salgueiros e Chaves, 3. Atlético de Valdevez e Amarante, 2. Neves, 1, Leça, 0.

ZONA CENTRO — RECREIO DE ÁGUEDA, 8 pontos. Nazarenos, 7. BEIRA-MAR, 6. Académico de Coimbra, Ginásio de Alcobaça e União de Santarém, 5. OLIVEIRA DO BAIRRO, OLIVEIRENSE e Sporting da Covilhã, 4. Cartaxo e Benfica de

Continua na penúltima página

I REGATA DO CLUBE DE VELA DA COSTA NOVA

Conforme tivemos já ensejo de referir, nestas colunas, o nóvel Clube de Vela da Costa Nova organizou, em 27 de Setembro findo, integradas no programa das tradicionais Festas da Senhora da Saúde, interessantes competições náuticas, que reuniram a presença de seis dezenas de velejadores de di-Vela da Costa Nova). 4.º — Carlos

Apuraram-se, nas várias classes de barcos, as seguintes classificações finais:

Optimist — 1.º — José Picado. 2.º — João Miguel Paião. 3.º — João Fonseca — todos do Clube de Vela da Costa Nova.

Windsurf — 1.º — João Cruz (Ovarense). 2.º — Luís Mota (A.P. S.V.). 3.º — Rui Lopes (Clube de Vela da Costa Nova). 4.º — Carlos

Continua na penúltima página

CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO — ZONA NORTE

Resultados da 3.ª jornada

Jogo	Resultado
Fermentões - Académico	18-19
Águas Santas - Maia	26-17
D. Póvoa - F. d'Holanda	20-27
D. Portugal - Porto	15-37
Académica - Ac. S. Mamede	19-22
S. BERNADO - Espinho	23-32

Resultados da 4.ª jornada

Jogo	Resultado
Académico - F. d'Holanda	23-22
Ac. S. Mamede - D. Portugal	21-20
Fermentões - Académica	24-23
Espinho - Águas Santas	26-16
Maia - D. Póvoa	17-20
Porto - S. BERNARDO	42-12

Resultados da 5.ª jornada

Jogo	Resultado
Académica - Académico	30-28
D. Póvoa - Espinho	21-24
F. d'Holanda - Maia	21-20
S. BERNARDO - S. Mamede	14-20
D. Portugal - Fermentões	17-23
Águas Santas - Porto	7-21

Classificação actual

Porto e Académica de S. Mamede, 15 pontos. Sporting de Espinho, 14. Francisco d'Holanda, 12.

Continua na penúltima página

SUMÁRIO DISTRITAL

I DIVISÃO

Resultados da 4.ª jornada

Jogo	Resultado
Avanca — Cucujães	1-0
Esmoriz — Paivense	9-1
Luso — Carregosense	2-0
Arrifanense — Vaguense	3-2
Sanguedo — Barrô	1-1
Valonguense — Fiães	1-1
Relâmpago — Pessegueirense	(a)
Valecambrense — Mealhada	2-2
Cesarense — Cortegaça	2-0
Arouca — S. Roque	3-1

(a) — Adiado.

Resultados da 5.ª jornada

Jogo	Resultado
Avanca — Esmoriz	0-1
Paivense — Luso	1-0
Carregosense — Arrifanense	0-1
Vaguense — Sanguedo	3-0
Barrô — Valonguense	1-0
Fiães — Relâmpago	1-2
Pessegueirense — Valecambr.	0-3
Mealhada — Cesarense	2-0
Cortegaça — Arouca	1-0
Cucujães — S. Roque	2-1

Contando por triunfos os desafios até agora realizados, a turma do Esmoriz é guia isolado da prova, totalizando 15 pontos.

No próximo fim-de-semana, na sexta jornada, teremos o seguinte programa geral:

Esmoriz — Cucujães, Luso — Avanca, Arrifanense — Paivense, Sanguedo — Carregosense, Valonguense — Vaguense, Relâmpago Nogueirense — Barrô, Valecambrense — Fiães, Cesarense — Pessegueirense, Arouca — Mealhada e S. Roque — Cortegaça.

EM VÁRIAS MODALIDADES

Não se tendo publicado na semana finda, o LITORAL viu amontoarem-se, na mesa de trabalho da sua Secção Desportiva, numerosíssimos textos — referentes a competições distritais em curso, em várias modalidades (andebol de sete, basquetebol, futebol e ténis de mesa) e a informações alusivas a iniciativas e organizações de clubes da cidade e da região de Aveiro (Beira-Mar, S. Bernardo, Sporting de Aveiro, Clube de Ténis de Aveiro e Clube de Vela da Costa Nova) e, também, provenientes de outras entidades locais (Delegação do INATEL e Departamento de Informação e Propaganda da União dos Sindicatos de Aveiro).

Impossibilidades, como bem se compreenderá, em consequência da falta de espaço, de trazer hoje às nossas colunas todo esse material, só nas próximas edições do LITORAL nos será possível publicar — dentro do seu interesse e da actualidade que continuem a ter para os leitores — os elementos noticiosos que temos de remissa.

1-820